
CAPÍTULO 4

FILOSOFIA, RELIGIOSIDADES, MÍSTICA E SUPERSTIÇÃO. A INFLUÊNCIA NA CIÊNCIA E NO POPULAR

Convergências são possíveis?

O último capítulo não foi escrito com o interesse de quebrar o caráter laico do Estado brasileiro, ou discutir a existência ou não de Deus ou de deuses. Tanto é verdade que para a construção dele levamos em conta diferentes seitas religiosas e também a ausência total delas, o ateísmo, pois o que nos interessa é compreender como as crenças, os mitos, ou ainda a ausência de crenças e qualquer sistema análogo, fazem influência no nosso modo de pensar e, portanto, influem na ciência e no popular. Sendo assim, que olhemos com atenção a influência de tais aspectos em diálogo com a ciência e o popular, como o próprio Ludwick Fleck o faz.

Iniciaremos tecendo considerações sobre o saber filosófico, a seguir sobre mitos e superstições, para na sequência falarmos sobre os aspectos do saber religioso, dividindo-os em subtítulos para melhor organização deles.

SABER FILOSÓFICO

Não é o escopo dessa obra falar sobre o saber filosófico em si. Entretanto, no primeiro capítulo ele se fez presente em diálogo com o saber científico. Como vimos, a ciência positivista foi fortemente confrontada por visões

filosóficas de diferentes autores, e o resultado foi que hoje temos outras visões sobre ciência.

A filosofia ademais foi o berço do saber científico, e quiçá de outros saberes. Isso porque quando na ocasião das primeiras civilizações de homínídeos, sempre houve grandes questionamentos sobre a nossa origem e para onde vamos.

Estes temas centrais foram inclusive recentemente objeto de um romance de Dan Brown, denominado “Origem”, em que o autor constrói todo o enredo de sua história se passando na Espanha, onde um cientista parecia ter encontrado evidências científicas que trariam respostas a essas questões. Eis um exemplo claro em que a literatura explora o diálogo entre saberes.

As explicações para esses questionamentos porventura se pautaram mais tarde por elementos mágicos e supersticiosos. Outros, todavia, passaram por métodos mais rigorosos de coleta e análise de dados e observações, se consolidando como saberes científicos.

Como podemos perceber, os questionamentos são inerentes à espécie humana, sendo que a cultura é o que nos distingue dos demais animais na natureza. No centro de tudo, está o saber filosófico. Ele tem naturalmente uma carga especulativa e teórica muito acentuada. Pessoas do âmbito científico hora vão questionar que, como o saber filosófico muitas vezes não pode ser provado e tampouco posto à prova, dada sua característica especulativa e imaginativa, este não possa ser considerado ciência. Isso se entendermos o saber científico como um saber que necessita da dúvida constante, e por isso, dever ser sempre posto à prova.

O importante para nós, no entanto, é entender a pluralidade destes saberes e enfocarmos nos diálogos que eles fazem com a ciência e com o saber popular, bem como o efeito deste diálogo.

MITOS E SUPERSTIÇÕES

No que tange a mitos, lendas, superstições, o Brasil é riquíssimo. Haja vista que o folclore brasileiro traz histórias interessantíssimas de lendas, como a do Saci-Pererê, Curupira, Cuca, Mula-sem-cabeça, e tantas outras histórias que embalam a infância de todas as crianças brasileiras. Não é difícil encontrar crianças com medo do Bicho-papão ou da Cuca, ou ainda, histórias de pessoas que alegam terem visto criaturas místicas, como o chupa-cabra, ou o lobisomem; ou ainda, crianças que esperam ansiosamente pela vinda do Papai Noel ou do coelhinho da Páscoa.

As superstições também marcam presença marcante na vida das pessoas. Achar um trevo-de-quatro-folhas traria sorte, enquanto quebrar um espelho condena o meliante a sete anos de azar, ou ainda, há quem possa colocar ovos na janela para que a chuva cesse seguida de orações e preces à Santa Clara...

Mas além dessas histórias que podem soar pitorescas aos céticos, temos indiscutivelmente um conjunto de crenças e superstições riquíssimas que constituem um saber que certamente influem na sabedoria popular.

Não é preciso muito esforço para remetermos que nosso conjunto de crenças é fortemente influenciado pelas nossas raízes. Ora, o Brasil tem um conjunto de crenças e costumes tão ricos devido a sua miscigenação.

Luís da Câmara Cascudo^{XLIV} traz uma série de mitos, superstições e expressões populares. Chama muita atenção para a influência de nossos colonizadores em nossos costumes. Por exemplo, pelos portugueses serem bons observadores das condições climáticas e dos ventos, por terem sido navegadores, não é difícil encontrar pessoas mais experientes que saibam exatamente quando vai chover só por observar o céu, ou ainda, a direção e velocidade dos ventos; ou saber a hora apenas pela posição solar.

Sabemos ainda que temos uma forte influência das tradições do povo afrodescendentes, que certamente trouxeram seus costumes e crenças. Uma crença relacionada a eles, no entanto, surgiu de maneira triste devido à posição de escravos. Trata-se de os senhores de engenho terem internalizado no pensar popular que manga com leite faria mal, para que os escravos não consumissem o leite da propriedade, que seria vendido para render proventos ao senhor. Outro aspecto notório a respeito dos costumes advindos do povo afrodescendente é que basta chegar o fim de ano que veremos pessoas fazendo oferendas e simpatias para Iemanjá, deusa típica dessa cultura.

E o que falar dos povos indígenas? Quanta riqueza! Seus saberes tradicionais foram incorporados em nossos costumes e se tornaram saberes científicos. Haja vista a conservação de alimentos por defumação, práticas de higiene, a culinária relacionada ao aipim e claro, tantas plantas que ensinaram práticas de cura relacionadas a elas^{XLV}.

Ainda se coloca neste caldeirão em ebulição a influência dos povos que vieram ao Brasil no decorrer da história. Trata-se dos japoneses, italianos, alemães, holandeses, espanhóis, e tantos outros que certamente possuem seus costumes impregnados em nossa cultura. Quem não adora comer uma macarronada aos domingos? Ou uma pizza? Sushi? Ou ainda o futebol, de origem inglesa...

Enfim, somos o resultado de toda essa miscigenação riquíssima que por si só explica a nossa riqueza cultural inigualável. Certamente, porém, esses elementos estão impregnados no saber popular de nosso povo.

Visando investigar o quanto, fizemos em nossa pesquisa de campo a abordagem dos usos de superstições. Trazemos abaixo alguns resultados obtidos: as opiniões parecem se dividir quanto a esse aspecto.

Oração sim. Simpatia eu não acredito. [1]

Abacaxi plantava, mas não para comer. É pra quando a mulher ia ganhar neném pegava três abacaxis e virava com a cepa para cima, para mulher ganhar neném mais ligeiro. É uma simpatia. [2]

[...] Você pega o mesmo prego e ferve e põe com a urina da criança e fumo, daí cicatriza. [3]

A moradora que deu a resposta [2] foi perguntada sobre o que plantava e disse que cultivava abacaxi, mas não para consumir. Só era plantado na época que alguém da família engravidava, segundo ela para se realizar a simpatia e o nascimento se dar de maneira mais rápida. Outra moradora descreve a realização de uma simpatia (ou até mesmo uma prática de cura) para quando crianças machucam os pés com pregos.

Um dos fatos mais interessantes que encontramos em consulta à literatura e em confronto com os nossos dados empíricos é um contraste quanto ao melão de São Caetano (vide tabela 1). Vimos que ele tem uso científico corroborado por ser vermífugo, mas segundo Luís da Câmara Cascudo, esta planta deve ser sempre colhida livre na natureza, pois, se ela for cultivada nos quintais e vir a secar, reza a lenda que a família jamais prosperará, e de fato, as pessoas ao se referirem a esta planta diziam que sempre era colhida nos brejos ou livre na natureza, mas jamais faziam menção a ela quando perguntávamos quais plantas cultivavam em suas propriedades.

Em resumo, com relação a esse aspecto verificamos que os saberes populares são fortemente influenciados por várias visões de mundo, tais como a visão supersticiosa e a mística, que possuem presença marcante. Embora riquíssimas, essas explicações populares embasadas em fatores mágicos, miraculosos e místicos, não são necessariamente embasadas no rigor científico, e nem sempre possuem compromisso com a realidade, acarretando divergências nas explicações com esse corpo de conhecimento.

A seguir examinaremos com mais cuidado o saber religioso.

SABER RELIGIOSO

É comum verificarmos pensamentos que opõem religião e ciência, que dizem que religião e ciência não podem dialogar e que suas contribuições são inconciliáveis e não complementares.

Como já mencionado nos parece que esta aparente separação no Ocidente teve início com a perseguição dos cientistas pela Igreja Católica antiga, alegando-se crime de heresia.

A igreja que perseguia, no entanto, contribuiu também para o avanço da ciência, uma vez que os alquimistas e primeiros cientistas eram em grande parte monges e frades, uma vez que estes eram os únicos letrados da época.

E por falar na alquimia, que é fortemente atrelada por mitos e magia, ela já contribuiu muito com avanços científicos. Alexander Roob^{XLVI} enumera inequívocos avanços promovidos na ciência moderna pela alquimia. Elementos foram descobertos por ela, como o fósforo; equipamentos de laboratório tiveram protótipos desenvolvidos por alquimistas. Avanços na medicina, por que não? Os alquimistas procuravam o elixir da longa vida e certamente encontraram muitos fármacos. Maar^{XLVII} nos mostra inúmeros avanços da alquimia: a água régia capaz de dissolver metais nobres que mais tarde impulsiona estudos de reatividade; estudos relacionados à metalurgia, já que tentava encontrar a pedra filosofal para transformar metais em ouro, a pólvora... Exemplos são o que não faltam.

A alquimia por excelência é a demonstração mais pura de um saber popular. Baseada na empiria, na tentativa e erro, permeada por fatores mágicos, religiosos, superstições e mitos; possuidora de uma linguagem hermética¹ e própria nas suas explicações; mas com convergências científicas.

E as relações entre religião, ciência e cultura popular não param por aí. Mlodinow^{XLVIII} nos lembra de que alguns dos maiores cientistas da humanidade eram celibatários e profundamente religiosos. Certamente isso influenciou nas suas maneiras de pensar. Ele cita, por exemplo, Newton, Boyle e Paracelsus, dentre outros, que pensavam a ciência como uma maneira de aliviar o sofrimento da humanidade.

Mlodinow ainda lembra que a negação de religiões, o ateísmo, também tem efeitos no modo de pensar das pessoas. Um grande período histórico que se seguiu após a perseguição da Igreja impulsionou um paradigma na ciência: o

¹ Não universal. Quer dizer que cada alquimista empregava uma linguagem própria para guardar segredo de suas invenções e experimentos.

materialismo. Muitas teorias a respeito foram desenvolvidas subsequentemente para explicar a natureza das coisas a esse modo. A evolução química da matéria, materialismo histórico-dialético, antropocentrismo, marcado pelo humanismo em detrimento ao teocentrismo, e tantas outras concepções parecem oriundos desse paradigma que sem dúvida trouxe importantíssimas e imensuráveis contribuições.

Mas, como consideramos que todo extremismo acarreta em perdas culturais e não tendo objetivo de defender uma posição em detrimento à outra (ou cética ou religiosa), pretendemos exemplificar aspectos da riqueza cultural de algumas religiões. Visamos desse modo compreender a relação entre as religiões com o universo científico e também com o popular. Trata-se de investigar outro ângulo da relação entre o círculo esotérico com o círculo exotérico.

De antemão, nesta obra já mencionamos dois imprescindíveis episódios de contribuição do saber religioso para com a espécie humana e para a ciência, de modo geral. Trata-se da constituição da espécie humana como ser social que parece ter sido organizada em torno de templos religiosos e do surgimento das primeiras universidades, que foram constituídas dentro das estruturas da Igreja Católica (vide capítulo 1).

Ainda por falar na Igreja Católica, mas desta vez a moderna, representada pela pessoa do Papa Francisco, é possível afirmar que ela tem dado inúmeras demonstrações de diálogos construtivos com a ciência. O Papa tem alertado para mudanças climáticas e a necessidade de preservar a natureza, faz diálogos combatendo o consumismo e a desigualdade, além de ter intermediado diplomaticamente com os governos de Cuba e dos Estados Unidos, resolvendo um problema secular, entre outros aspectos.

Sobre o islamismo, Chassot^{XLIX} traz em seu livro que Maomé teria advertido seus seguidores quanto à necessidade da ciência, dizendo: “Buscai a ciência, desde o berço até a sepultura, mesmo que seja na China”. Advertência similar fora feita por Allan Kardec^L, codificador da doutrina espírita, quando disse para os seus seguidores escolherem a ciência quando esta porventura provar que o espiritismo está errado em alguma de suas explicações.

Por falar ainda na doutrina codificada por ele, uma das grandes contribuições trazidas por suas obras refere-se ao denominado Fluido Cósmico Universal^{LI}. Nos seus dizeres, refere-se a algo que permeia todo o universo, mas que é imponderável, imensurável e invisível aos instrumentos humanos. Dizia isso há mais de 200 anos. Duzentos anos depois, a ciência parece ter observado algo similar quando apresenta em seus anais algo a respeito da matéria

escura^{LII} que compreende 96% do universo conhecido, imensurável, invisível e imponderável. Muitos anos antes de Kardec, entretanto, os povos hindus chamavam tal energia de *prana*². Lembramos ainda, sobre isso, que desde muito tem sido discutida a existência de um meio comum de propagação da luz no cosmo; tal qual o som precisa do ar para se propagar, a luz necessitaria de um referencial também. Seria o chamado éter, que fora descartado pelos postulados da relatividade, pois Einstein concluiu que a velocidade da luz independe dos referenciais^{LIII}. Contudo, a descoberta da matéria escura reacende a discussão da existência de um éter que parece recobrir todo universo, portanto, quaisquer referenciais parecem ser constituídos da mesma matéria, tal qual diziam as previsões dos hindus e de Kardec.

Outro exemplo vem das religiões dos povos africanos, tais como o candomblé e a umbanda, que há muito já dizem sobre efeitos da mediunidade. Anos mais tarde, tais efeitos foram estudados por Kardec; e, posteriormente também pela comunidade científica, da qual citamos a parapsicologia que tem dividido os pesquisadores quanto a sua existência. Mlodinow nos lembra de que tal polarização quanto à mediunidade na academia já dividiu grandes psicólogos, como Freud e Jung; enquanto o primeiro era cético e o segundo estudou-a com afinco.

E por que não falar dos povos politeístas? Os maravilhosos templos e monumentos gregos, egípcios e outros; a riqueza cultural das mitologias, como a nórdica, egípcia, grega, maia, asteca, das tribos africanas, aborígenes, e tantas outras...

Outra contribuição já foi mencionada, que é o efeito da fé por si só, tem sido corroborado cientificamente quanto a auxiliar processos de cura. O objetivo não é discutir a validade das explicações, mas termos mais um exemplo do popular, da mística, e da religião, bem como de outros saberes do círculo exotérico fornecendo à ciência objetos de estudo; e esta por sua vez, tendo seus resultados internalizados na religião, no popular e nos outros saberes citados que constituem o círculo exotérico de Fleck; dialogando e trazendo inequívocas contribuições culturais e humanas. Além do mais, o círculo exotérico certamente tem explicações válidas antes mesmo de a ciência atestar, haja vista que não há verdades apenas na ciência, como já mencionamos. Tais aspectos conferem a convergência entre esses saberes.

Tal relação tem base também nos escritos de Fleck (2010, p. 157), quando o autor diz que “[...] Em torno de qualquer formação de pensamento, seja um dogma religioso, uma ideia científica ou um pensamento artístico, forma-se um pequeno círculo exotérico e um círculo exotérico maior de participantes

² Energia vital, de acordo com a filosofia hindu.

do coletivo de pensamento”. Como vimos no caso do saber religioso, o círculo esotérico constitui as ciências que estudam esse saber e que explica em partes sua convergência com saber científico. As demais explicações apodíticas e mágicas são características do círculo exotérico.

Salientamos também que embora exista um conjunto de práticas científicas que estude a cultura religiosa, pode ser que haja também pensamentos místicos e mágicos atrelados ao saber religioso. Por haver ciência envolvida no estudo da cultura e das explicações religiosas, isso explica em partes a convergência, tal qual há estudos científicos a respeito da cultura popular (etnociência, etnobotânica, etnomatemática e afins). A razão de haver misticismos e explicações consideradas pseudocientíficas envolvidas explicam em partes a divergência, assim como também se dá a relação do popular com a ciência. Outra ressalva é que a mística e a magia são riquíssimas enquanto saberes, mas são consideradas pseudociência; logo é esperado que possuam algumas divergências com a ciência.

Outro exemplo que certamente pode ser considerado como uma grande divergência é a fé cega e irracional³. Já dizia Milton Nascimento⁴ que “fé cega é faca amolada”. Muitas guerras, tumultos, discriminação, sofrimento e mortes já foram e são provocados em nome de deuses e crenças absurdas. Isso não tira a importância da cultura religiosa, mesmo porque a maior parte das comunidades envolvidas certamente abomina qualquer tipo de violência. E como poderíamos ir além de fé cega, extremista, discriminatória e não condizente com valores de humanidade? Eis uma relação importante que a ciência tem muito a contribuir à cultura religiosa, visto que o uso da razão nos parece retirar o *status* de fé cega, passando a ser uma fé racional.

Para trazer uma contribuição que corrobore com a importância do diálogo entre os saberes recorremos a Boaventura Souza Santos^{LIV}, que diz que a ciência se consolidou como um saber privilegiado na sociedade moderna. Isso ocorreu porque a sociedade moderna ocidental faz um esforço para homogeneizar a sociedade e impor seus costumes. Sendo a ciência moderna um saber oriundo ocidental, seria a melhor síntese de seus costumes.

³ Tal qual é divergente a fé cega na ciência, denominada por cientificismo, que acreditava na ciência como solução para todos os problemas da humanidade e que ela, além disto, é perfeita, infalível e feita por gênios inquestionáveis. Esta concepção já caiu por terra, como vimos na nossa viagem.

⁴ Música de autoria de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, composta no contexto de oposição ao regime militar no Brasil. Diz para nós que toda crença sem advento da razão é problemática.

A sociedade eminente capitalista enxerga na ciência uma expressão de seus costumes e hábitos, uma vez que a ciência foi impregnada com um discurso de força produtiva da sociedade.

Contrapondo a esta visão, Boaventura argumenta que o mundo é eminentemente plural e que reduzir e homogeneizar as manifestações são tentativas brutais, da qual chama isto de “epistemicídio”, uma vez que ocorrem perdas imensuráveis de cultura.

Para ele, os outros saberes na sociedade atual são lembrados apenas quando servem de matéria-prima para ciência, e toda esta desigualdade está institucionalizada e transmitida nas escolas e universidades, que propagam esta visão de ciência neutra, acima do bem e do mal e hegemônica.

Para contrapor isto, propõe uma ecologia de saberes, em que todos os saberes são postos em prática, e a melhor forma de averiguar a validade dos saberes é ver qual deles melhor se comporta frente a uma prática determinada. Em determinados eventos certamente a ciência será o melhor saber, como na produção tecnológica, por exemplo. Em outros casos, no entanto, a ciência é até contraproducente, como é o caso de pessoas que se encontram em profundos sofrimentos, e encontram forças no saber religioso. Outros, como é o caso das práticas cotidianas, o saber popular se mostra eficiente.

Deste modo, a ecologia dos saberes evita a violência epistemológica e reconhece a pluralidade de versões e visões de mundo, e também a validade de todas as manifestações, das quais suas validades são estritamente dependentes do contexto.

A visão de Boaventura é pragmática, uma vez que ele atrela a validade de um saber a um contexto. Já Leff, que discutimos nos capítulos anteriores, tem uma visão utópica, uma vez que preconiza uma mudança profunda de visão de mundo. Como vimos, ele afirma que no cerne do problema está uma visão epistemológica capitalista que se centra no lucro e no progresso e ignora outros saberes. As soluções viriam colocando diferentes atores em diálogo, em que o saber deixa de ser imposto, mas um híbrido de diferentes saberes. Isto é uma postura emancipatória, uma vez que dar voz é uma forma de valorizar o ator portador dela.

Reconhecemos que até chegar na utopia, devemos passar pelo estágio do pragmatismo. Isso quer dizer que o que desejamos é uma mudança profunda de óptica de mundo. Mas, como isso requer tempo, urge começar por algo que seja mais alcançável, que seria uma ecologia de saberes.

Todavia, mais que denominações, taxonomias e defesas de causa, o mais interessante de tudo quanto aos conhecimentos é que os saberes estão em diálogo e influenciam-se reciprocamente. Isaac Newton talvez seja a melhor exemplificação para tal teia de relações. O que se sabe é que ele era alquimista, muito religioso e é por muitos considerado o maior cientista que já pisou em solos terráqueos.

Examinemos agora um exemplo prático no que tange aos saberes religiosos que surgiram em nossa pesquisa empírica. Os moradores empregam plantas e produtos oriundos de animais para cura, mas também atribuem o processo a Deus ou a simpatias e outros aspectos. Também há moradores que divergem, discordando que exista alguma relação de fé, da qual apenas os princípios ativos contidos nas plantas são os responsáveis pelos efeitos observados.

As plantas são uma vestimenta, mas quem cura é Deus lá em cima.[4]

F: A senhora é bastante religiosa?

M: Tento ser.

F: Ainda sobre as plantas. Acredita que são as plantas que curam ou tem algo mais?

M: São as plantas.

F: Faz uma oração junto?

M: Geralmente não. [5]

Em primeiro lugar é Deus. A fé que você tem é que te cura. [6]

Você sempre tem que colocar Deus na frente. Ele que abençoa as ervas, remédios da farmácia. Sempre é Deus que tá na frente. Precisa ter fé. [7]

Vai ter muita falta. Vai ter pouca água. Vamos apegar a Deus, por que está arriscado os grandes rios secarem e aí os menores secam também. Mas Deus é tão grande que vai ajudar. [8]

O que podemos observar nas opiniões é a cadeia complexa que constitui o pensamento humano. A ciência é popularizada e as pessoas utilizam dos remédios comprados em farmácia. Temos o saber popular do uso das ervas, mas também um forte apelo religioso. Eis um aspecto belíssimo no que tange o conhecimento humano, todo emaranhado e rico em opiniões.

Tudo isso só contribui com o desenvolvimento humano, pois como Feyerabend, também acreditamos que só a diversidade de teorias e opiniões é o que nos tira da mesmice e nos alavanca ao progresso. Ou seria Lakatos que contribuiria melhor, dizendo que todas as teorias auxiliares e explicações adjacentes

sustentam um grande e poderoso núcleo rígido que é o pensamento humano? Não nos importa, afinal, viva a diversidade!

O que nos importa, ao momento, é contribuir para o entendimento dos conhecimentos humanos e a mudança de paradigmas (na concepção de Kuhn) na educação brasileira, para além de um ensino puramente neutro, conteudista, apolítico, ahistórico, que despreza a cultura e realidade dos educandos e professores e tantas outras mazelas conhecidas e popularizadas. O objetivo do capítulo seguinte é apresentar propostas para atingir, pelo menos em partes, tais objetivos.

